



Identidades e Territórios: questões e olhares contemporâneos

Coordenador: Frederico Guilherme Bandeira de Araújo – IPPUR/UFRJ

Debatedor: Maria Regina Petrus – IPPUR/UFRJ (reginapetrus@aol.com)

Expositores: Amélia Cristina Alves Bezerra – UFRN/UFF

Eber Pires Marzulo – UFRGS, IPPUR/UFRJ

Maria Regina Petrus – IPPUR/UFRJ

Rogério Haesbaert – UFF, Coordenador do Núcleo de Estudos sobre Regionalização e Globalização

Ementa / justificativa

Um olhar sobre a literatura que discute temas designados como “identidade” e “território”, não pode deixar de constatar a grande polissemia com que esses termos são considerados. Isto, por si só, já justificaria o destaque desses temas como objetos de reflexão em um encontro como o ENA. Não obstante, a relevância é ainda maior se considerarmos que essa multiplicidade semântica se relaciona com o fato de que os processos sociais contemporâneos têm colocado em questão as referências espaço-temporais das configurações identitárias e territoriais da modernidade, e que, além disso, posturas epistemológicas divergentes, constituídas em ruptura umas com as outras, têm especificado de modo radicalmente distinto o próprio caráter conceitual desses dois termos.

Esse quadro se esboça a partir do aprofundamento dos princípios do mundo moderno, quais sejam, a cisão da esfera cultural em domínios autônomos – os domínios ético-político, estético e da ciência -, e a ideologia laica imbricada ao princípio filosófico da liberdade da subjetividade. Nos últimos quarenta anos, tanto a fragmentação da cultura quanto o individualismo exacerbaram-se de tal maneira que terminaram por produzir, entre outras, uma crise no próprio campo da legitimação dos saberes em si.

Se, então, na atualidade, a estrutura de construção identitária muda pela explosão da autonomia das esferas culturais, as idéias de Estado-Nação (e, concomitantemente, de território nacional) e de classe, matrizes totalizadoras do domínio ético-político moderno, se desvanecem e perdem grande parte do papel que antes exerciam.

A idéia de Estado-Nação é posta em questão, por um lado, em consequência da perda do poder de gestão interna e de representação externa dos Estados, com o traspasseamento de suas fronteiras territoriais pelos fluxos econômicos e informacionais; e, por outro, pela reconstrução de tradições étnicas, numa lógica que opera sob a tensão de afirmação da diferença e da homogeneização, mas que, mesmo por vezes apropriada como estratégia de resistência, em suas formas mais evidentes não escapa ao interesse da valorização mercadológica no jogo do singular e do universal. Juntamente com a chamada crise do Estado-Nação entra também em debate uma determinada concepção de território, moldada

pela continuidade, pelo enraizamento ou fixidez e por uma relação mais nítida entre espaço e identidade.

A idéia de classe sócio-econômica, por sua vez, vê-se questionada como consequência das transformações na esfera das modalidades tecnológicas e organizacionais do produzir e a paralela ascensão de uma ideologia que privilegia o indivíduo em detrimento de suas formas coletivas do existir, desqualificando, assim, a instância política – ou que, ao retomar essas formas coletivas, o faz em nome da exacerbação das identidades étnicas e religiosas.

A polissemia aludida em relação aos termos “identidade” e “território” é decorrente de toda essa situação.

As questões que temos em mente refletir na sessão livre, a partir do quadro delineado, dizem respeito mais diretamente a dois grandes eixos:

análise crítica de conceitos e teorias sobre identidade, território e suas relações, especialmente através do eixo modernidade / “pós”-modernidade;

análise crítica de práticas de construção identitária e de des-territorialização.

“Identidade” e “Território” enquanto simulacros discursivos

Frederico Guilherme Bandeira de Araujo

Resumo

O trabalho, de propósito essencialmente epistemológico, tem como campo problemático o das construções identitárias e suas relações com o espaço. O escopo central é objetivar posturas, critérios e formulações específicas sobre o que é designado pelo senso comum das ciências sociais como “identidade” e “território” (e seus termos correlatos), tendo como referência teórica de ordem mais geral a fundamentação advinda do que é conhecido na história do pensamento como “virada lingüística”. Tem-se por suposto que tal feito, tornando objetiva uma crítica às visões essencialistas e naturalistas no campo aludido, permite de modo concreto elaborações teórico-conceituais mais férteis como base à ação crítica dos grupos dominados social e politicamente.

Concretamente o trabalho toma por base um conjunto de concepções epistemológicas e conceitos de autores que operam enfatizando caráter discursivo das visões de mundo e das próprias relações sociais, tais como a concepção de dialogismo, de Mijaíl Bajtín, e os conceitos de diferença, de Jacques Derrida, o de posição de sujeito, de Michel Foucault, e o de simulacro, à maneira explicitada por Deleuze. A partir desse referencial, discute criticamente visões hegemônicas e postula modalidades constitutivas e formulações específicas relativas a sentidos e significados possíveis de termos tais como identidade, identidade social, identidade cultural, território e identidade territorial.

Multiterritorialidade: do hibridismo à essencialização das identidades territoriais

Rogério Haesbaert

E-mail: rogergeo@uol.com.br

Resumo

A mobilidade crescente e a complexidade das relações espaço-tempo contemporâneas levam à constituição de territorialidades também móveis e de caráter múltiplo - tanto no que se refere à sua constituição político-econômica quanto simbólico-cultural. Assim,

ocorre igualmente uma mutação nas formas da relação entre território e identidade, tanto no sentido território-identidade, na medida em que a territorialização se torna mais múltipla e complexa, influenciando a nossa construção identitária, quanto no sentido identidade-território, pois os processos de identificação nunca foram tão mutáveis nem estiveram afetados por tamanha multiplicidade ou hibridismo de identidades, repercutindo assim na intensificação do fenômeno das identidades multiterritoriais. Nossa condição "multiterritorial" e culturalmente mais híbrida, entretanto, convive com dinâmicas territoriais que promovem também o fechamento ou a reclusão territorial e, muitas vezes de forma associada, a essencialização de identidades, em moldes mais tradicionais. É a existência dessa multiplicidade de situações (aqui, o múltiplo como "muitos") e o seu convívio paradoxal que nos permite afirmar que não existe hoje um padrão ou uma forma geral de identidade (ou de identificação) territorial. É fundamental, por isso, tal como têm mostrado os chamados estudos pós-coloniais, a contextualização histórico-geográfica de cada movimento de construção identitário-territorial.

Festa e Identidade: pensando a espetacularização do espaço urbano em Mossoró

Amélia Cristina Alves Bezerra

E-mail: ameliacristinac@aol.com

Resumo

A festa tem ocupado um lugar significativo na cultura brasileira, através da mesma são (re) atualizadas, ritualizadas e celebradas as experiências sociais. Ela é capaz de gerar produtos tanto materiais quanto simbólicos, representando desse modo, uma das formas de produção de identidade. Esta característica tem contribuído para que a festa seja um dos veículos de produção de imagens e/ou identidades das cidades, sobretudo, nesse momento histórico, onde a estética adquire um valor de mercado. É nesse contexto que a cultura assume um papel importante na (re) organização do espaço urbano, sendo adotada como estratégia pelos administradores e planejadores das cidades. Assim, políticas de revitalização de centros históricos, construção de simulacros de paisagens regionais e a organização de festas, buscam afirmar diferenças entre as cidades, valorizando particularidades/singularidades implicando no fortalecimento das identidades regionais e locais, não raramente vendidas no mercado de cidades. Esse processo vem sendo vivenciado pela cidade Mossoró, local de onde partimos para pensar as reflexões presentes nesse trabalho. Através das festas-espetáculo os ideários de liberdade e coragem têm sido celebrados, (re) atualizando uma identidade que tem sido conformada a cada ritual festivo que ocorre no local. É nesse contexto, que festa e identidade se colocam como uma questão para pensarmos a cidade.

Os pobres no espaço: identidade social e território na metrópole ocidental

Eber Pires Marzulo

E-mail: marzulo@uol.com.br

Resumo

O presente trabalho se insere no debate sobre a associação entre território e identidade no contexto da modernidade tardia, entendida como constituída pelo esfacelamento das matrizes identitárias modernas. A partir desse contexto de pulverização identitária e da relevância atribuída pela literatura à relação dos sujeitos sociais com o espaço, no sentido de configuração de novas identidades sociais, ou, inversamente, da existência de um

“efeito de território”, busca-se desvendar as dinâmicas de tal processo no interior da metrópole ocidental. Em particular, estará sendo abordada a dinâmica de constituição de uma hipotética identidade social consagrada ao nível da representação social na metrópole brasileira: o favelado. Desde investigações sobre a literatura e estudo de caso em uma típica favela da zona sul carioca, a questão identitária será tratada ligada ao processo de segregação espacial que atinge o espaço dos pobres nas metrópoles ocidentais. Para alcançar uma escala mais ampla e reveladora da universalidade e particularidade dessa dinâmica identitária entre os pobres na metrópole, se apresentará um caso de controle, desde a investigação sobre uma cité parisiense. O sentido da investigação é averiguar se o processo de segregação espacial dos pobres nas metrópoles ocidentais, apontado pela literatura, apresenta dinâmicas similares e constituídas de níveis identitários, desde a investigação empírica em duas metrópoles absolutamente simbólicas das diferenças encontradas na moderna sociedade ocidental. Afinal, espaço segregado dos pobres na modernidade tardia tem um efeito identitário?